

1. Eu não sei se serei esse sujeito de que falaram os meus colegas João Rodeia, Carrilho da Graça e Fernando Bagulho. Creio bem que o que neles falou foi acima de tudo a amizade; esse bem inestimável. E por isso lhes estou agradecido.

Quero agora manifestar à Ordem o meu sentido agradecimento por esta iniciativa, e não só por uma questão de boa educação.

É que creio bem que não há ninguém neste mundo, feito como ele é, que não goste de ver reconhecido, publicamente, e por forma tão expressiva, o seu trabalho pelos seus pares; e neste caso pela Ordem que a todos representa.

Agradecido pois por esta distinção.

Agradecimento que estendo a todos os presentes pelas mesmíssimas razões.

2. Ainda que na condição de homenageado eu quisesse falar da minha pessoa, daquilo que realmente sou e que fui – todos nós somos aquilo que fomos – eu não o saberia fazer pela razão simples de que tenho sempre a maior dificuldade em o fazer. Tenho sempre a impressão de que estou a inventar uma personagem que protagoniza as muitas e variadas vidas que se têm; ficando eu do lado de fora como seu observador fiel. A questão dos heterónimos é apenas uma maneira hábil de retratar esta ambiguidade.

Além de que uma característica da memória é o esquecimento; e então há a tentação de preencher os vazios do esquecimento com a imaginação. Sendo porém certo que, como dizia Scott Fitzgerald, o esquecimento das emoções é o verdadeiro esquecimento.

Por isso, em vez de falar da minha pessoa, ponho a minha pessoa a falar sobre aqueles aspectos do meu passado – e só esses – que de algum modo me põem em linha com aquilo que nos traz hoje aqui.

3. Sem nenhum passado à vista que o justificasse, eu entrei no mundo das artes sem saber ainda o que era Arte. E porque se fazia. Entrei pela mão da música e do desenho. E, porque não dizê-lo, pela poética do corpo.

O desenho, esse fazia-o compulsivamente, sem eira nem beira. Tudo me servia para desenhar.

A música, pelo contrário, disciplinadamente, como é própria da aprendizagem da música; que por muito amor que se lhe tenha tem momentos muito chatos. Sobretudo para uma criança que gostava de fazer o que todas as crianças fazem. E que eu aliás nunca deixei de fazer, diga-se.

Às tantas puseram-me um violoncelo na mão. Ainda eu não tinha mão para fazer uma oitava. Eu tinha 6 anos.

Música, desenho, o corpo. Ao mesmo tempo eu via cinema , pois naqueles dias o cinema não estava vedado a crianças, desde que acompanhadas pelos pais. E a minha mãe adorava cinema.

Quer dizer, a estética – pois é disso que se trata, sei-o hoje – foi o meio expressivo pelo qual eu experimentava o mundo, e o entendia; por vezes com efeitos desastrosos no choque com a realidade. A razão ainda não tinha chegado para os evitar. Essa, a razão, veio mais tarde, com o Liceu.

Tudo isto temperado pela presença do mar, o meu segundo berço. Pois nasci e cresci ali onde o Tejo se encontra com o Mar. E daí eu ter contraído – se assim me posso exprimir – a cultura de estuário: lugar de passagem do conhecido para o desconhecido. O que, a ser verdade como julgo que é, não pode deixar de instigar a imaginação da criança e do adolescente que fui.

Tanto mais que o Tejo era então outra coisa diferente do que é hoje: um caminho de ir e vir constante de barcos de toda a espécie – de trabalho e recreio – e os grandes transatlânticos, festivos e cheios de vida, pensava eu.

Eles eram as figuras carismáticas daquele mirífico lugar, que eu desenhava como se fosse num deles para outras paragens, para além do horizonte do mar alto.

4. Gostava agora de dar conta de outra coisa , essa sim, uma herança.

É que de avós, pais e irmãos que me foi dado ter, tudo que eles faziam, faziam-no bem feito; cada um em seu ramo. Com o que isso representa de saber e sobretudo de sentido de responsabilidade e de solidariedade com o semelhante, próximo ou distante .

Foi pois pelo exemplo que eu me instrui no mundo dos valores do trabalho.

Primeiro o acto e só depois a palavra. É no acto que eu me realizo responsabilmente. Tudo quanto mais tarde aprendi confirmou esta asserção.

E se o estético é inato, o ético, esse, é um adquirido.

Se, como se diz, o olho de Deus nos segue por todo o lado, o olho da consciência também. E ambos não vieram ao mundo para tornar a vida mais fácil. Pelo contrário.

5. Feito o Liceu – aluno medíocre – veio a escolha: música ou desenho. Desenho. E com ele a Architectura. Não me perguntem porquê.

E foi assim que dei comigo no Convento de S. Francisco, ali ao Chiado, onde morava a Escola Nacional de Belas Artes de Lisboa.

Ainda hoje me pergunto se não teria sido melhor eu ter seguido a música. Embora venha mais tarde a reconhecer que entre Música e Architectura existe um elo comum, tão forte que me levou a pensar que ambas têm um registo comum na consciência. Ambas são construções fictícias feitas com emoções reais.

E isso deu-me / dá-me um certo conforto.

Aí, na Escola de Belas Artes fui igualmente aluno medíocre. Embora hoje eu saiba porquê, mas não vou maçá-los com explicações.

O que me valeu foi eu ter por companheiros de curso um grupo de colegas de tal qualidade que se eu fosse um egocêntrico fantasista diria que foi escolhido especialmente para mim, então jovem cão em perfeito estado de ignorância. Foi o convívio quotidiano com eles, em tudo quanto é sítio, que se rompeu o casulo em que eu vinha encerrado.

Vitor Palla, Teotónio Pereira, Costa Martins, Manuel Alzina Menezes (o nosso monsieur de Montaigne, que ele nunca leu), Carlos Manuel Ramos, Coutinho Raposo, Garizo do Carmo, Luis Nobre Guedes, Blasco Gonçalves, Manolo Potier.

Vindos de quadrantes da vida tão diferentes, ali construímos uma amizade “pour la vie”; amizade amassada na diferença de personalidades, de saberes, de sonhos, de interesses, de informações.

Não vai sem dizer que naqueles tempos a Escola era um verdadeiro instrumento de repressão, em todos os sentidos. A ele escapámos precisamente por esse espírito de corpo, onde o autodidatismo era sustentado como via possível de aprendizagem, e de ligação única ao mundo que nos estava vedado.

A cultura apresentava-se-nos então instintivamente como forma de resistência a opressão, dentro e fora da Escola.

6. A minha chegada à profissão não foi Aquele acontecimento.

Foi um acto casual.

É que naquele tempo era prática corrente, e aceite como boa, um estudante de arquitectura dividir o seu tempo de aprendizagem entre a Escola e um atelier de arquitecto.

E aí, eu tive a sorte – a minha vida tem sido sempre colhida pelo acaso de tal forma que muitas vezes eu só dou por aquilo que procuro quando o encontro – tive a sorte, dizia, de entrar para o atelier do Mestre Carlos Ramos, ali a Santos.

E que aprendi eu com ele? Nada. E tudo.

Nada, do que me habilitasse a fazer um projecto, da sua técnica, da sua estratégia, da sua linguagem.

Tudo, daquilo que é a maneira de estar na profissão: o seu amor à Arquitectura, o seu fino trato com os colegas, o grau de exigência e de rigor que punha naquilo que fazia, e depois nas próprias obras a que o acompanhava; o seu espírito cosmopolita e civilizado – por ele eu conheci muita gente do mundo internacional da Arquitectura.

E isso é muito, não acham?

Mas o que me encheu as medidas foi a sua Biblioteca; em cujo acervo de livros e revistas eu fiz a minha iniciação consistente na Arquitectura Moderna (de que até aí tinha uma ideia nebulosa) desde os seus primórdios; os seus pressupostos ideológicos, éticos, estéticos e políticos; os seus intérpretes, obras e factos. O que veio provar que toda a informação é formativa quando o sujeito está motivado. A motivação é o motor central de toda a aprendizagem.

Sim. A passagem, ainda que curta pelo atelier do Mestre Ramos foi um passo importante na minha formação.

A partir daí eu pude apreender melhor o próprio tempo em que me era dado viver a Arquitectura.

E vivê-la num tempo em que o Movimento da Arquitectura Moderna acabara de sofrer um rude golpe. (Nem sempre declarado, com data marcada, mas como processo paulatino e obscuro).

Sendo uma Arquitectura de causas, servidas por grandes princípios; uma arma na batalha das ideias do seu tempo, no confronto com a realidade saída da 2ª Guerra Mundial os seus princípios foram dramaticamente postos em causa, pois nenhuns dos pressupostos que estavam na sua origem se haviam realizado. Nem a técnica, nem a produção industrial se passaram do campo da oferta para o campo da procura regida por Planos e Programas destinados a resolver os problemas das desigualdades sociais e a redistribuição dos bens produzidos igualitariamente entre a Cidade e o Campo. Nem a política dos solos sofrera a mais pequena beliscadura – o sagrado direito de propriedade passara incólume por entre os escombros da cidade destruída pelos bombardeamentos. Nem as contradições sociais se alteraram.

De caminho, o próprio conceito de função tão caro à razão prática da arquitectura, desde a casas às cidades, foi posto em causa. O seu valor instrumental era por mais do que uma razão escasso e duvidoso. O que dele mais importou reter foi a ideia universal de que perante a conformação do seu habitat todos os homens são iguais. A ideologia funcionalista era republicana, democrática e igualitarista. E daí, a sua temática ser em tudo diferente da do período antecedente, dirigida como foi para o maior número, independentemente da classe ou estatuto social.

Ora é precisamente por serem iguais que os homens são diferentes, porque diferentemente questionam esse mesmo habitat conforme o lugar e o tempo em que vivem: a sua cultura.

E o que se requeria agora é que, sem deixar de partir da noção de igualdade dos homens (e os seus direitos) os arquitectos tivessem os olhos abertos para as diferenças culturais das regiões, das comunidades, dos povos; ou seja: as diferenças que os unem.

Aparentemente do vasto arsenal de ideias e princípios, o que do Movimento Moderno ficou foi apenas uma coisa: um estilo. O chamado estilo internacional.

Bom. Não será bem assim; pois alguma coisa mais nos ficou de herança, pelo menos para mim. E será a percepção de que à Arquitectura, uma vez subtraída ao poder da tecnocracia e ao Poder que hoje se imiscuí por todos os interstícios de tudo o que é pessoal e social, controlando-o, invisível, está reservada para fins superiores de reprodução da humanidade dos humanos, por mais modestas que sejam as suas obras e a condição daquele que serve.

Além de que bem vistas as coisas, o século XX seria bem mais pobre sem aquele Movimento, obras e figuras que ainda hoje nos inspiram confiança e admiração sobretudo os heréticos, que são sempre as figuras mais interessantes de qualquer movimento.

7. Ora bem, foi nesse mundo sem causas, e um tanto agnóstico e confuso que eu me instalei na profissão com armas e bagagens.

E à medida que penetrava cada vez mais fundo no mundo da arquitectura, paradoxalmente, cada vez mais horizontes se me abriam, como se tudo nela tivesse que ver com tudo o resto; até ela se me apresentar hoje como uma forma de pensar.

Na ausência das grandes causas mobilizadoras, o exercício da Arquitectura passa-se então, para o campo do experimentalismo que eu diria maneirista. Maneirismo, não no sentido depreciativo, mas, pelo contrário, no sentido positivo segundo o qual cada um tem a liberdade de se posicionar na sua própria maneira de fazer – “à la manière de” – isto é, sem a obediência cega a uma só ordem de ideias, a uma teoria pré estabelecida, a um pensamento único que imponha a sua tirania aos factos criados, como o foi a seu modo o Modernismo na Arquitectura.

Às certezas do antecedente opoz a dúvida; a dúvida construtiva.

É ainda como se a Arquitectura tivesse recuperado a memória negada até aí e a projectasse no presente em direcção ao futuro.

O que esse futuro será ninguém o saberá.

Espero bem que esse caminho não seja desviado, e portanto desvirtuado pelos efeitos imediatos da liberdade readquirida. Refiro-me ao culto desmesurado da personalidade, - da aura do único - com o qual fazem causa comum todos

os poderes deste mundo, inclusive os média de comunicação e todo o mundo dos negócios.

Por mim, este estado da Arte deu em reforçar a ideia salutar de que nesta coisa de fazer Arquitectura pensa-se a partir do que se faz e não o contrário.

E por aí filtrei o meu capital de esperança, como quem faz de cada projecto uma causa.

8. Gostaria agora de vos falar de 4 episódios recentes que tiveram para mim um significado e um sabor muito especiais. *(Aqui dou-me conta de que ao escrever aquilo que foi então dito espontaneamente e de improviso, isto é, não escrito, muita coisa fica de fora. Quando à palavra se lhe retira o gesto e o tom em que é dita, fica mais pobre.)*

- . Vai para 3 anos fui de fim de semana comprido até Évora, terra para mim de muitos afectos, pois tenho costela alentejana.

E como quem vai visitar um ente querido fui à Herdade da Mitra, em Vila Verde, a 9km de Évora. Aí foi construído nos passados anos 60 um projecto meu para a Escola de Regentes Agrícolas de Évora, hoje Departamento da sua Universidade.

Ali chegado, subi logo ao promontório fronteiro ao Conventinho da Mitra, e onde foi implantado o grupo das aulas e da Biblioteca. E aí entrei. Mal me dei a conhecer, como é devido a um visitante, eis que lá do fundo corre para mim uma senhora que me abraça comovidíssima por conhecer finalmente o arquitecto daquela obra.

Com este gesto e por palavras boas de ouvir ela testemunhava-me o apreço em que tanto ela, bibliotecária, como os próprios alunos tinham a Biblioteca.

Dizia-me um dia o Rolando Sá Nogueira, pintor, que uma pessoa precisa para o seu equilíbrio emocional de cinco toques de afecto por dia.

Para mim aquele, valeu-me por uma semana, um mês, para sempre.

- . Mais recentemente, sou chamado pela Parque Escolar para fazer “o projecto de remodelação e modernização” da Escola Secundária Prof. Herculano de Carvalho, nos Olivais. Escola que fora construída segundo projecto meu há cerca de 30 anos. Chamava-se então Escola Secundária D. Maria I, por aonde já passaram várias gerações de alunos, e quiçá, de professores.

Devo dizer que pelos muitos atropelos e alterações que o projecto sofreu arbitrariamente durante a sua construção, a mando do dono da obra com a conivência do empreiteiro, a Escola por fora ficou irreconhecível em relação ao projecto, embora se tenha mantido integralmente toda a sua estrutura organizativa e formal, que ao tempo eu havia ensaiado.

E a tal ponto ficou desfigurada exteriormente que uma vez acabada a obra eu nunca mais lá pus os pés.

E assim me mantive até ao dia em que este novo encargo me obrigou a lá ir.

E em boa hora, pois segundo o expressivo testemunho do director e dos professores, a Escola como organismo funcionava perfeitamente adaptando-se bem às mudanças entretanto ocorridas quer em práticas quer em projectos didácticos.

E nas suas palavras eu pude adivinhar um sentimento de reconhecimento por quem lhes havia proporcionado aquele lugar.

- . Em 2009 eu sou chamado pela mesma entidade, a Parque Escolar, com a mesma finalidade; desta vez a Escola de Grândola, antes chamada Escola de Agentes Rurais de Grândola e agora Escola Secundária António Inácio da Cruz. Escola que se havia construído também segundo projecto meu, nos anos 60.

Impunha-se desde logo uma visita à Escola.

Não vou aqui abrir-me convosco sobre a massa de sentimentos e emoções que essa viagem no tempo comportou; não só porque não vem ao caso aqui, mas também porque a memória não tem discurso, opera por “flashes” como nos recorda Alain Resnais no seu filme “Ultimo ano em Marienbad”.

Basta dizer que também aí – onde eu não ia há muitos anos – tive uma gratificante recepção por parte dos professores, que deram testemunho sincero do agrado e bem estar com que vivem e viveram o espaço escolar as gerações de alunos e de professores que por lá passaram; e que eu próprio experimentei ali, naquele dia.

- . Finalmente, o último episódio. E esse passa-se com o Centro Distrital de Saúde, em Sete Rios.



No passado dia 20 de Maio, o Centro comemorava o 25º aniversário da sua existência. E não é que a sua directora me manda um convite para estar presente na qualidade de autor do projecto do seu edifício; nisso pondo o maior gosto! E telefona-me insistindo para que não falte.

Passo-me de descrever o carinho a as atenções com que fui recebido quer informalmente, pessoa a pessoa, quer formalmente na sessão dita solene. Este toque de afecto e reconhecimento do meu trabalho fez com que eu saísse de lá com 3 metros de altura.

9. Espero que com o relato destes 4 episódios eu não seja mal interpretado.

É que sempre sustentei que o ciclo de criatividade numa obra de arquitectura só está completo com o seu uso. E que será bom e útil que o arquitecto observe a obra em uso, criticamente, por aí confirmando ou não a correcção das suas propostas; aí instaurando uma virtuosa relação dialógica e de solidariedade com o outro.

Isto porque, como gosto de o dizer, o arquitecto é aquele que consciente da sua experiência experimenta, projecta essa consciência em situações hipotéticas, nas quais recolhe novas percepções do real e de si próprio.

Esta, a cibernética do acto profissional, pelo qual ele é altamente formativo. Pois se cada projecto fecha uma porta dos seus conhecimentos actuais, ele abre portas a novos e imprevisíveis conhecimentos; removendo dialecticamente o estado de ignorância anterior.

Por outro lado, tenho sustentado também que o uso não é um mero acto de consumo, é um acto de criação.

E foi disto tudo que com aqueles 4 episódios eu mais uma vez me dei conta.

As demonstrações de agrado e afeição por aqueles lugares arquitectónicos feitas de uma forma tão expressiva e exuberante não foram devidas ao facto de as obras serem belas, bonitas ou feias, mas porque todos – professores, alunos, médicos, funcionários – experimentavam no seu trato quotidiano com os edifícios uma liberdade de se constituírem como corpo e de mudar; ensaiando novos usos, novas práticas didácticas ou assistenciais (caso do Centro de Saúde); novas relações entre si e com os alunos ou com os consulentes.

Assim escapavam à autoridade exercida pelo edifício como instituição pública do Poder, e pelo próprio edifício como construção. E esse sim é o verdadeiro papel da Arquitectura que como obra de arte se abre a múltiplas leituras e, eventualmente, como contra-poder.

Quanto à beleza, essa não está na obra. A beleza está encastrada nos nossos corações.

Importa à obra despertá-la.

**Manuel Tainha, arq.**

Lisboa, 12 de Julho de 2010